

BARBOSA, Amilcar Bettega. *Deixe o quarto como está*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 124 p.

Os catorze contos de *Deixe o quarto como está*, de Amilcar Bettega Barbosa, revelam um projeto ousado, eficiente e original; e mais, a convicção de que o gênero, quando tratado com eficiência, pode superar qualquer expectativa.

Desprendendo os enredos do mundo real e transitando para o plano fantástico, o autor consegue deslocar o leitor de sua realidade para a esfera do próprio conto, fazendo-o participar dos movimentos da personagem e a contemplar, com o narrador, o mundo imaginário que a envolve. Uma dupla evolução se instala: se, por um lado, o leitor é participante das situações que cercam a narrativa, por outro ele não perde a posição de “ser que contempla”, e que lhe permite apreender as próprias ações da vida.

É de se esclarecer que essa co-participação é atingida mesmo com freqüentes descrições, que poderiam muito bem funcionar como um elemento a dispersar a atenção; muito ao contrário, elas estão de tal forma integradas ao desenvolvimento da narrativa que não oferecem margem a eventuais desatenções. Veja-se o primeiro conto, “Auto-retrato”. Nele, em virtude da caracterização do ambiente, tem-se a impressão de que a narrativa não evolui, ou de que evolui lentamente. No entanto, os olhos deslizam pelo texto como a mão sobre uma superfície aveludada, não encontrando, em ponto algum, uma saliência que poderia impedir a evolução serena desse movimento. Ao fim, constata-se: o que deveria ter acontecido de fato ocorreu.

Outro fator que deve ser considerado nessas narrativas é a escolha e o tratamento dos temas. Mostra-se, mais uma vez, que não há assuntos bons ou maus; o importante é o tratamento que lhe é dado pelo artista. Assim, a simples insatisfação com um lugar pode ser pretexto para a criação de um conto que narre a vã tentativa de uma personagem, dona de um comércio, de mudar-se para uma outra cidade. Será realmente essa a melhor saída? A resposta está em "Exílio".

Ainda a respeito dos temas escolhidos, pode-se dizer que todos têm o que se espera deles, ou seja, aquela limpidez capaz de indicar uma vasta região além-fronteiras, e que insiste em se oferecer ao leitor, para que o mesmo percorra seus caminhos e possa iluminar-se através deles. Isso é vital para o conto: essa abertura que nega qualquer limite e que, fatalmente, fará com que o texto se grude no leitor – tal como a geléia, recebida do pai, em "Hereditário", não se descola mais do filho.

Se pensarmos com Ricardo Piglia, há, em qualquer conto, uma história secreta que subjaz à aparente; assim, os contos de Amílcar Bettega Barbosa não se limitam apenas ao que é contado de forma explícita. O movimento do narrador pelos meandros do conta-não-conta é tal que, a cada passo, emergem novas suspeitas de que o narrado não é aquilo que lemos. É dessa maneira que se escondem, em *Deixe o quarto como está*, histórias como a de um filho predestinado a carregar as marcas de sua herança genética, as quais o impedem de ter sua própria identidade ("Hereditário"), ou de alguém que não consegue se desfazer dos valores que lhe foram incutidos, sendo sempre perseguido por um rosto ("O rosto").

Essa mesma condição humana, aliás, em que há sempre algo em nós que se impregna diante da nossa impossibilidade de nos rebelar, é narrada em "O crocodilo I" e "O crocodilo II". No primeiro, um crocodilo se gruda às costas do narrador, sem que este tenha qualquer reação; ou melhor: ele, em vez de enxotá-lo, compra um cinto, para que seja mais confortável carregar o animal. Uma vez tendo-o como companhia permanente, o

narrador percebe que muitas pessoas carregam algum bicho às costas. Será a história do homem fadado a ter uma máscara?

Em “O crocodilo II”, o narrador está numa praia, acompanhando sua esposa, a qual espera o segundo filho. É questionado pelo primogênito a respeito de várias coisas, entre elas a condição de ter, também, como o pai, um crocodilo às costas. O narrador consola o filho, prometendo que ele, também, o terá um dia. Um pequeno ovo já se faz notar nas costas do menino, sem que este o saiba. Há muito a refletir sobre a questão que se coloca. O que se tem em mãos, em algumas poucas folhas de papel, é tão-somente um pequeno retrato de uma imensa região, às vezes tão nítida e outras tão nebulosa, da complexidade que é a vida humana.

Essa opção do autor em vasculhar os territórios mais estranhos do ser humano, sempre envolvidos num ambiente de inadequação ao mundo, traz personagens irritantemente impotentes. Dessa forma, habitam os contos seres como em o “Aprendizado”, em que o narrador, envolvido com seus próprios “afazeres”, como ir a um motel ou descobrir as regras do seguro-desemprego, pouca atenção dá à mãe moribunda. Numa das investidas para ajudá-la, aventura-se numa fila do INAMPS, mas vende sua ficha por alguns trocados a um desconhecido. Em outro conto, “Correria”, o narrador corre – mesmo com a iminência da morte em função do cansaço – mas sempre incentivado por Zezinho, que não o deixa parar.

A coletânea termina com *Para salvar Beth*, no qual um desempregado, que nunca gostou de cães, vê-se de inopino responsável em levar diariamente uma cadela doente a uma *pet shop*. A história é apenas um pretexto para contar uma outra que subjaz a ela, e que fará com que o leitor reaja positivamente. No decorrer da leitura, ele irá se dar conta de que há uma clara proposta de desmistificar o ser humano, mormente no que diz respeito aos seus sentimentos em relação aos seres e às coisas à volta.

As histórias de Amilcar são desconcertantes. Reagimos indefesos diante do apelo de percorrermos com o narrador essa estranha e vasta região que nos inquieta. É como se ele nos to-

masse pela mão e nos conduzisse pelos caminhos desconhecidos (ou conhecidos?) da natureza criada – e não raramente participamos das suas emoções, solidarizando-nos com essas criaturas-vítimas.

Ao final de cada conto, temos a impressão de que a leitura foi insatisfatória. É como se tivéssemos lançado fogos de artifício sem poder acompanhar todas suas fagulhas. Propomo-nos, então, a novamente recolher o que se dispersou e acompanhar, depois de um novo lançamento, cada clarão que ilumina obscuros territórios da Humanidade.

Isso lembra muito as palavras de Julio Cortázar sobre o conto. Em *Valise de Cronópio* (São Paulo: Perspectiva, 1993) está:

Um conto é significativo quando quebra seus próprios limites com essa explosão de energia espiritual que ilumina bruscamente algo que vai muito além da pequena e às vezes miserável história que conta. (p. 153)

É essa explosão que faz com que o leitor releia várias vezes uma obra, e a cada releitura tenha novas impressões.

Amílcar Bettega Barbosa constrói suas narrativas com forte rigor. Transparece a constante preocupação com o essencial, o que proporciona forte intensidade ao conto, do princípio ao fim. Já desde o primeiro parágrafo nota-se tal intenção. “Hereditário”, por exemplo, principia dessa forma:

Meu pai morreu triste. Não posso afirmar que tenha vivido sempre assim, mas morreu muito triste. Nós o enterramos num agradável fim de tarde de primavera. Depois fui dormir. (p. 47)

Assim, a narrativa está construída de modo a que não sobre nada – e nada falte. Entre um ponto e outro, encontra-se tão-somente a essência, o que equivale a dizer, o que realmente importa. Não há espaço para divagações. A tônica dos textos do autor é esta de “Crocodilo I”:

O crocodilo entrou no meu quarto mansamente, com passos arrastados que deixaram a ponta do tapete virada. Ele subiu no colchão onde eu estava deitado, se aninhou junto dos meus pés e ficou me olhando. (p. 51)

A narração, na quase totalidade dos contos, é em primeira pessoa. Esse fator proporciona maior aproximação entre o leitor e o narrador. A intimidade é reforçada pelo linguajar coloquial com que, muitas vezes, a história vai sendo contada. Em “Auto-retrato”, por exemplo, o narrador declara:

O que é angustiante, o que chega a ser inadmissível, é a imobilidade de que tudo na casa está tomado. Os safados cada vez mais perto de uma das janelas, que deve ser a da sala, e tudo continua imóvel. A gorda e seu cão-vigia na penumbra são ainda duas figuras petrificadas. (p. 14)

Essa é a condição do narrador de ser o mais claro possível nos seus relatos, nem que isso implique emitir certos valores e juízos. O que surpreende é o fato de que, a cada texto, o narrador se transforme.

Os outros contos que compõem a obra, e que até aqui não foram citados por uma opção que nada tem a ver com seu mérito, também se enquadram naquilo que até aqui se apresentou como aspectos positivos. Em “Insistência”, o narrador relata brigas desnecessárias de dois grupos rivais que tentam exercer o poder num espaço que muito bem poderia acolher a todos. “A cura” traz questões que envolvem a vida num hospital-isolamento, no qual habitam pessoas infectadas por um vírus ainda desconhecido, e que está sendo estudado por um grupo de especialistas. Em “A visita”, a Duquesa mostra ao narrador a casa dela, na qual a estranheza é um fator determinante; um grupo de homens, por exemplo, todos nus, se exercitam em aparelhos de ginástica. Numa casa, em algum lugar da cidade, ocorreria “O encontro” Um casal se vê em meio a dificuldades para encontrar o local, e um clima de incertezas e interrogações se instaura. Em “A espera”, o narrador, já deitado sobre a cama, identifica o ritual da esposa, no banheiro. Ele vai “dormindo aos bocadinhos” enquanto não a tem ao seu lado.

Deixe o quarto como está é uma dessas obras que inquietam o leitor, não só pela estranheza de seus temas, mas, e talvez principalmente, por aquilo que lhes dá o caráter de verossímeis. Lemos as narrativas sob a perspectiva da ficção, do fantástico, mas, curiosamente, encontramos-nos perseguidos pela tendência de encontrar ali uma grande verdade. Isso, de alguma forma, nos dá a clara sensação de que a leitura nos enriqueceu.

Ernani Mügge

Mestrando em Letras/Teoria da Literatura pela PUCRS